



PÁSCOA 2013



Acreditar no nascimento de Cristo é a coisa mais fácil do Cristianismo. Principalmente quando tal acontecimento deixou de trazer algum compromisso, alguma responsabilidade para os cristãos. É por isso que o Natal é muito festejado no mundo todo. Festa só de aparência, festa só de encanto.

Acreditar na Ressurreição de Cristo já é bem mais difícil; aí a coisa fica séria. É uma crença que supõe, antes de tudo, uma aceitação da pessoa de Deus que se fez Homem e, principalmente, supõe uma aceitação incondicional que esse mistério arrasta consigo.

Aceitação da pessoa de Cristo:

Cristo que não fracassou;

Cristo que provou sua missão, sua divindade, sua redenção;

Cristo que deixou apavorados os homens do seu tempo, principalmente os judeus que se consideravam os donos do céu, da religião e do próprio Javé.

Aceitação das conseqüências da Ressurreição:

Cristo que trouxe também a vitória sobre a morte; se Ele ressuscitou, nós também haveremos de ressuscitar;

Cristo que trouxe uma nova vida, que exige uma vida nova de cada um de nós;

Cristo que nos obriga a matar a cada instante o que é ruim e, a cada momento, a viver o que é bom;

Cristo que espera renúncia e despojamento de tudo o que nos causa a morte no corpo e na alma;

Cristo que espera principalmente AMOR:

AMOR que dá a vida,

VIDA que dá alegria,

ALEGRIA que dá coragem

CORAGEM que dá a luta

LUTA que dá a vitória,

VITÓRIA que dá o Deus.

DEUS que dá a felicidade sem fim.

Tudo isso é muito difícil e duro. O apóstolo Paulo, certa vez, quando falava da ressurreição, quase apanhou. Pudera! Por isso, ninguém quer saber da ressurreição e das suas conseqüências. Nós queremos, nós “topamos a parada”. Nós cremos naquilo que o apóstolo ensinava: “Se Cristo não tivesse ressuscitado, nossa fé seria inútil”.

Sendo assim: VIVA A PÁSCOA! VIVA OS QUE VIVEM A PÁSCOA!

Mudou a Semana Santa ou mudei eu?



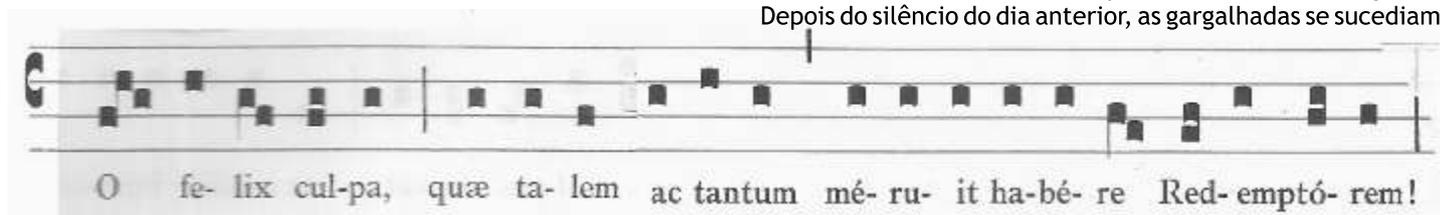
Walter Barelli*



Parafrazeando Drumond, pretendo mostrar que não foi só o Natal ou eu que mudamos. No nosso Seminário Menor a Semana Santa também mudou. Nas reminiscências, os seniores falam ainda de Pirapora, origem de muitos de São Roque. Mas também no Ibaté, apesar da sua vida curta para nosso gosto, há, do mesmo modo, antigos, novos e, talvez, novíssimos. Sou do primeiro grupo. Entrei em 1951 e saí em 1956 para uma rápida estada no Central do Ipiranga.

Relembro mudanças na Semana Maior - assim era chamada a Semana Santa - que foram aprofundadas posteriormente na Reforma Litúrgica do Concílio Vaticano II que completa agora cinquenta anos. As turmas posteriores a 1955 não viveram essa mesma experiência.

Para um adolescente, o clima dessa época era misterioso e, por vezes, aterrorizador. Lembro principalmente o Ofício de Trevas, que terminava com a capela totalmente no escuro, enquanto alguns seminaristas no coro faziam um barulho seco para, quem sabe, lembrar o terremoto. Na minha paróquia, na igreja totalmente às escuras, eram atirados um ou dois bancos no chão do coro, o que assustava os participantes que assistiam a solenidade pela primeira vez.



Também, durante o tempo da Quaresma, as imagens eram cobertas com um tecido roxo, modificando a rotina de rezar ante a imagem da Virgem, dos Santos e do Crucificado. A ideia era concentrar a atenção nas fases da Paixão.

A Quinta-Feira Santa era para lembrar a Instituição da Eucaristia, mas nossa atenção era dominada pela cerimônia do Lavapés. Quem era escolhido para “apóstolo” devia lavar bem um dos pés, antes da Missa, e não usar meia furada. Essa era a recomendação.

No final, havia a “remoção do Santíssimo”, ou seja, um grande cálice com hóstias consagradas era solenemente removido para um altar montado fora da capela. Iniciava-se, então, a adoração, constituída de turmas de seminaristas para cada hora do dia e da noite, até a celebração do dia

seguinte. Algumas dessas horas eram cobertas pelas Irmãs de Jesus Crucificado, mas a noite era reservada para os “maiores”, que se iniciavam para os serões que depois foram sua vida, em outros contextos, muitos deles etílicos. Era uma novidade na rotina do Seminário, mas o sono também reclamava sua parte e era preciso molhar bem o rosto para acordar de vez às 3 horas da madrugada.

A Sexta-Feira Maior era o ápice da semana. Imperava o silêncio. O badalo do sino era amarrado para não tocar. Acordávamos com o som da matraca (na minha mente, era o “reco-reco”). Quem não acordava, era cutucado pelo colega ao lado. Ao que me lembro, não havia jogos no pátio. O Padre Constantino dava o tom. Não permitia que se beijasse sua mão ao pedirmos sua bênção. Não fazia a barba nesse dia. Os “maiores” que já faziam jejum entravam no clima, mostrando-se recolhidos, influenciando a todos os outros.

A cerimônia litúrgica era longa. O texto da Paixão era bem mais extenso do que é lido hoje, cantado em latim, em um jargal religioso. O mesmo acontecia com as leituras, mais numerosas do que atualmente. As preces por todos, desde o Papa até os ateus, quase no final chamavam a atenção por se referir aos “pérfidos” judeus, expressão nada caridosa para uma oração. O dia terminava com a procissão do Senhor Morto, acompanhado da Virgem Dolorosa.

O sábado era da Aleluia. A Missa era celebrada ao meio-dia, abrindo espaço para a alegria da Ressurreição. Até hoje, vibro com a proclamação do Exsultet, no início da celebração já na igreja, após a Bênção do Fogo Novo; cantada em latim, é mais comovente do que no vernáculo: *“O Felix culpa, quæ talem ac tantum meruit habere Redemptorem!”* O sino voltava a bimbalar, freneticamente no Aleluia e no Glória. Nova ode da Alegria!

À tarde, começava a vingança: a malhação e o enforcamento do Judas, simbolizado por um boneco que desfilava em uma carrocinha, por todo o pátio. Aí, o ponto alto. Antes da força, era lido o testamento do Judas. Hoje, o Iscariotes deixaria sua bengala para o Corazza, seu livro de matemática do Trajano para o Mosca, a gramática portuguesa para o Fierro, a meia furada para o Attílio, uma viagem só de ida para o inferno para Sicrano, um desconfiômetro para Fulano, *et ita porro*. Depois do silêncio do dia anterior, as gargalhadas se sucediam

e os dedos apontavam os agraciados com a “herança” do condenado.

No Domingo de Páscoa acordávamos cedo para a procissão do Encontro de Jesus Ressuscitado com sua Mãe. Depois, a Missa Solene, seguida de café da manhã, com um bule de chocolate para diferenciar e alguns pães doces (o panetone ainda não era tão difundido), o almoço festivo, com o jarro de água com algumas gotas de vinho (a sangria permitida, ou será que era groselha?) e normalmente a visita da família com ovos e coelhos da páscoa.

Nossa turma passou também pela reforma da liturgia da Semana Santa, prenúncio daquela maior que veio no Concílio Vaticano. Na Quinta-Feira, deu-se mais ênfase à Eucaristia e ao Sacramento da Ordem. Na sexta, a melhor

mudança foi a possibilidade da comunhão, antes restrita só ao celebrante. No sábado, a missa foi para a noite, com a Bênção do Fogo Novo, o Glória cronometrado para ser entoado à meia-noite e saudado pelo bimbalar dos sinos, ao mesmo tempo em que as imagens eram desvendadas e as luzes acendidas. Também passou a ser do ritual a Renovação das Promessas do Batismo.

Perdeu-se um pouco o profano do Sábado de Aleluia com a malhação dos Judas (dos Judas, no plural), porque ainda há muitos para serem apedrejados, queimados ou enforcados. Simbolicamente, é claro..., mas, aí depende de

iniciativa popular, sem a multidão saindo da Missa de Aleluia.

A intenção de centralizar na Ressurreição de Jesus estará na homilia do celebrante, a qual nem sempre consegue convencer. O Tempo Pascal proporcionará novas oportunidades de conhecermos os mistérios do Cristo Ressuscitado.

Popularmente, a atenção será desviada para o coelhinho, os ovinhos, a colomba pascal e, para quem puder, o lauto almoço, se houver família para comemorar.

Boa Páscoa da Ressurreição a todos.

(*) Walter Barelli, 74 (51/56), Economista doutorado pela USP, exerceu os seguintes cargos: Diretor Técnico do Dieese (68/90), Ministro do Trabalho e Emprego (92/94), Secretário do Emprego e Relações do Trabalho(1995/2002). Professor aposentado da UNICAMP. Autor dos livros "Distribuição Funcional de Renda nos Bancos Comerciais" e "O Futuro do Emprego".

A PAIXÃO



Paulo Oliveira Leite Gonçalves*

Já o evangelho assim a nós entoa
No rosto escarros, tapas, zombaria
Na frente espinhos trançando a coroa
No dorso nu, açoite: Profecia!

Eis que a injustiça se reveste em Toga
Unindo a todos num infame grito
Império, Povo, Templo e Sinagoga
"A morte ao falso Rei: é o veredito!"

Cambaleante ao Monte Calvo chega
Braços atados em parte da Cruz
Ali consuma ao Pai a sua entrega
É o holocausto, a vítima: Jesus.

Em cada pulso um cravo lacerante
Os pés que andaram o País inteiro
Um outro dardo bem mais lancinante
Os prende junto daquele madeiro.

Suspense como emblema exposto ao vento
Numa visão cruel triste medonha
Sem qualquer veste abrigo do relento
Um verme humano em trajes de vergonha.

E a dor? Palavra pouca e tão pequena!
Será que dela tem superlativo
Para exprimir suplício e tanta pena?
E se houver é só figurativo.

Risos, deboches, ódio há por ali:
Desce da cruz pois não és tu divino?
Salvou aos outros, só não salva a si!
Maldito sejas tu e teu ensino!

Junto da cruz está a Mãe Maria
Transida em dor intensamente atroz.
Como ninguém somente ela sabia
Daquela morte a causa éramos nós.

Então Jesus se sente abandonado
No desespero grita pelo Pai
E vendo estar já tudo consumado
Mais um suspiro e a cabeça cai.

Naquele peito hirto, frio, exangue
A lança cumpre seu fatal destino
E misturada a pouca d'água em sangue
Ensopa as mãos do executor Longino.

Quantos sinais se deram como exemplo
A Terra inteira treme por minutos
Rasga-se de alto a baixo o véu do Templo
Revivem mortos antes já sepultos.

E o bom soldado cidadão romano
Centurião que diz, converso, aos seus
Este que morre é um grande ser humano
Mais do que isso, é o Filho de Deus!

Eis que alguém bem posto na Assembleia
Levado por cuidado e grande amor
Seu nome é José de Arimatéia
Que cede a própria tumba ao Redentor.

O velho ódio se desmancha em risos
O taumaturgo já se foi, morreu.
Podemos proclamar sem prejuízos
Nós te vencemos, mestre galileu!

Mas ao terceiro dia eis a vitória
Sobre a injustiça, a morte e os pecados
Vitorioso está no Céu, na glória
E ali também nos quer ressuscitados!

(*) Paulo Oliveira Leite Gonçalves, 76 (49/54) é licenciado em Filosofia, Teologia, Bacharel em Direito, Doutor em História Antiga (USP). Tradutor Público no Estado de Goiás de Francês e Italiano. Professor aposentado da Universidade Federal de Goiás oliveiratradutor@gmail.com

A coragem de um papa

Augusto José Chiavegato*



À esta altura, não temos mais papa. Saiu fugindo? De jeito nenhum! Em última crônica escrevi que admirava o teólogo, mas não o papa. Hoje se ameniza minha negativa, desfaz-se tornando-se em admiração. Em sua honestidade cai a ambiguidade entre Bento XVI e Ratzinger. Foi-lhe tarefa extremamente pesada. Quando escolhido como papa, topou, consta que não queria. Santos acreditam que Deus nos impõe fardos ao porte dos ombros, como dizia o teólogo Adoniram Barbosa: **Deus nos dá o frio conforme o cobertor**. Não é bem assim. Uma boa vontade tem que sempre se fundamentar em uma fé discernida. Coragem de ser e de aceitar, alicerça-se em humildade e na inadvertida confiança de Deus dos que lhe dizem: **vai lá José, se necessário Deus segura as pontas**. Bento XVI fez possível, seguramente o papa mais culto da história dos papas. Não basta ser culto para ser papa. Erro que o escolheram. Jesus definiu a primordial missão de Pedro: **fortalece a fé de seus irmãos** Lucas 22,32, não necessariamente esclarecer as mentes, mas firmar seus corações. Missão de pai não é ensinar, quem educa são todos os homens na mediação do mundo. Dever de pai é acolher os filhos, a auscultar a voz dos tristes, fracos, doentes, desviados. Essa é a voz do Espírito de Deus que sopra e anima a família da Igreja. Por isso, louvo e amo a coragem de um papa que dá lugar a outro, mais forte que ele para topar a pegar o último lugar da Igreja, sem palavras e de figuras, na urgente tarefa de transformar radicalmente a face da Igreja.

Sem dúvida, hoje a Igreja singra em **águas tumultuosas** - na expressão dele, parece que faz água a barca de Pedro, no fundo Jesus dormindo sem sonhos e pesadelos, tranquilo. Dorme e vela, mistérios, enquanto homens trabalham e lutam que **navegar é preciso**, à coragem dos homens da Igreja. Ratzinger

teve medo, sim. Inteligente e culto, desmoronou-se, pequeno diante dos problemas da Igreja que hoje estouram aqui e lá, mar de lama a passar nos subterrâneos do Vaticano. Entristece-se o coração de um pai, pobre, fraco. Fico triste especialmente diante de notícias sobre padres, bispos, cardeal a garantir a geral lei da fraqueza humana: **padre é um homem, fraco!** Claro, todo homem gosta de mulher, inscreve-se em sua vocação desde os tempos da criação. Quando falta mulher a que se renunciou, vale tudo? Vale refugiando-se em alibi na fraqueza humana? Não é do homem, muito menos do padre, a fraqueza da desordem em sexo. O celibato não pode enxovalhar a santidade do casamento. Minha pessoal experiência garante: como padre, guardei a inteira castidade de um homem total. Quis todas as mulheres do mundo e a todas renunciei. Ao casar, entreguei-me a uma, renunciando a todas as demais. Fico triste e muito, mas não cai um fiapo de minha fé pela Igreja de Jesus.

Que é a Igreja, o Vaticano? Não! Infelizmente é a casa do papa. Está na hora de sair dela e fechar o museu, lindo e funesto tempo em que os papas eram reis, donos do mundo quando prevaricavam padres, cardeais, até mesmo alguns papas gerando bastardos.

Passou-se esse tempo, graças a Deus. Amo todos os papas que conheci, a meu ver, santos a curtir pobreza e continência aprisionados no Vaticano. Está na hora de se limpar os entulhos do passado que desfiguram a Igreja de Deus. O Vaticano não é o chão da Igreja. Jesus a destruir o templo de Jerusalém não pela força e pelo poder que nunca teve, assolou todas as tentações de poderio: **meu reino não é deste mundo**. Triste reino de Deus, o Vaticano que sedia o servo dos servos cercado de luxo e de tesouros. O pobre dinheiro da comunidade de Jesus era guardado pelo cardeal Judas para comprar comidas, naquele tempo já alguém roubava sua parte, na cara de Jesus. Impassível.

Imensa a tarefa do novo papa a transformar a Igreja de Jesus. Sozinho, no peito e na raça, não vai conseguir nada. A ele congregar e animar os corações que amam a Igreja a que se faça a luz. O site croire.com escreveu em editorial no dia em que o papa saiu: **“imensas dificuldades da carga que incumbe o papa emérito, ele continuará a suportar na oração”**. Pedindo o quê? Que corações se convertam? Pedir a Jesus que se acorde dormindo no fundo da barca a serenar tempestades? Longe de medo e tristes, guardemos a misteriosa certeza de Jesus: **tenhais a paz (...). eu venci o mundo** João 16,33.

Novo dia para a Igreja: tão longa a esperança, tão curta a vida.

(*) Augusto José Chiavegato, 78, ex-aluno do Seminário do Ipiranga de 54 a 57. Filósofo e Professor Universitário aposentado. Lecionou no Seminário Central e na PUCSP. Exerceu o sacerdócio no período de 1960 a 1975 augustochiavegato@globocom

ECHUS DO IBATÉ NA ERA ELETRÔNICA

Até a alguns anos atrás, uma carta demorava uns quinze dias para sair do “remetente” e chegar ao “destinatário”; Isso, se ou quando chegava.

Os tempos mudaram e os serviços dos Correios melhoraram muito. Uma correspondência ou uma encomenda postada num dia, chega ao destino em 24 horas, ou em 48 horas se a distância for grande.

Os tempos continuam mudando, agora de modo vertiginoso. Do casamento do computador com a tecnologia da informação nasceu a internet que veio interferir nos mais diferentes campos da vida moderna. A mídia eletrônica transmite de imediato toda espécie de informação e, com muita frequência, em tempo real.

E pensar que Paris ficou sabendo da morte de Napoleão um mês depois que ele tinha morrido na ilha de Santa Helena!

Em seguida nasce o correio eletrônico (para a alegria/tristeza dos carteiros...), o tal electronic mail, expressão que pode ser pronunciada com maior rapidez: e-mail. Então, as nossas correspondências chegam de imediato, uma atrás da outra e, muitas vezes, dando “serviço” pra “lixeira”.

Ora pois. O nosso Echus do Ibaté precisa seguir na esteira do processo eletrônico; deve acompanhar a agilidade das comunicações. Daí porque já há algum tempo o boletim tem chegado às mãos de alguns colegas também através da internet. O ideal será que isso aconteça com o maior número possível de ex-alunos. Por quê?

Muito simples:

- pela disponibilidade imediata de chegar ao leitor assim que a edição estiver pronta;
- toda a coleção estará disponível em um arquivo virtual, a serviço de muitos outros interessados;
- pela substancial redução de custo financeiro (envelopes, correio, papel, tinta...) e de mão de obra (dobrar, envelopar, levar ao correio...);
- o planeta Terra sabe se defender sozinho, mas uma ajudazinha com economia de papel e de tinta não faz mal pra ninguém.

Acontece que o cadastro do boletim contém o nome de 927 ex-alunos e professores. Desse universo, 450 têm o registro de seu e-mail e apenas 142 fizeram a opção por recebê-lo via e-mail. E os outros? Ainda não atingiram a idade dos meios eletrônicos ou estão com medo dos hackers? do WikLeaks?

Temos, hoje, nas nuvens, como se costuma dizer na área de TI, todos os nossos informativos, desde seu nº 1, até o último já editado, nos links abaixo: <http://177.103.223.197/downloads/Echus/> ou <http://189.19.55.31/downloads/echus/>

É só acessar e escolher qual edição queira ler e pronto, de imediato ela se abrirá e ficará disponível para leitura ou impressão.

Faça sua opção de receber nosso Informativo só pelos links. Vamos ajudar a proteger a natureza. Colabore, também, com a campanha do ECHUS DO IBATÉ eletrônico. Mande-nos seu endereço eletrônico para o e-mail echus@zipmail.com.br, mesmo que você prefira continuar recebendo (e vai receber) através do correio convencional.

Na Casa do Pai

• Faleceu em 06.02.2013 o colega RENATO BARBIERI. Ele estudou no Seminário de Pirapora de 1943 a 1949.

• Faleceu em 12.01.2013, aos 67 anos de idade, o colega FLORIANO BRANDÃO FILHO (61/62). Ele era sobrinho do Monsenhor Ascânio Brandão.

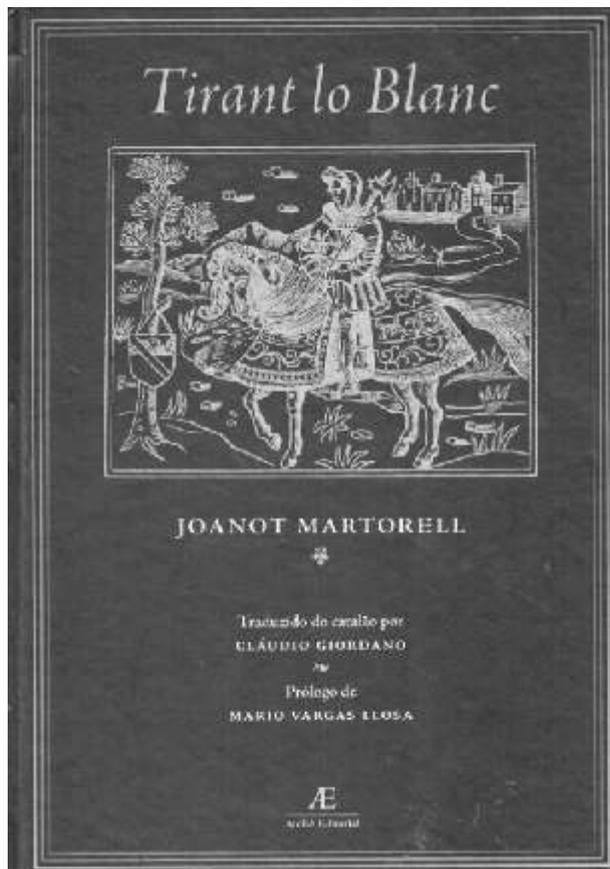
• Faleceu em 17.03.2013, aos 66 anos de idade, o colega EUGÊNIO COLLACIQUE NETO (1966). Era professor de Filosofia na Escola Estadual Prof. Maria Aparecida Rodrigues em Guarulhos e irmão do também nosso colega Bartolomeu Collacique.



Algumas aventuras de Cláudio Giordano e Antônio Carlos Corrêa



José Moreira de Souza*



Eu li o *Tirant Lo Blanc* de Joanot Martorell.

Não foi fácil a aventura. Há muitos anos, nosso **Echus** noticiou que **Cláudio Giordano (51/57)** havia inventado de criar e fundar uma editora cujo objetivo era publicar obras de autores esquecidos pelo mercado. Sim. Bem ele, o mercado que não despreza o que possa ser mercadoria. Objeto de compra e venda. Cláudio pensava longe. Obra não é mercadoria. Pensava e esquecia que o editor deve ao mercado a própria subsistência. O **Echus** noticiou uma série de obras esquecidas, postas de lado. Nem mesmo raras elas se tornaram. Simplesmente, esquecidas nas ruínas do tempo. “Tempus est edax rerum”, repetia sucessivas vezes, nosso querido **padre Rui** nas aulas de história. Mas Cláudio veio ao mundo com o espírito renascentista. *Fazer viver o passado enterrado em ruínas*. Seu lema. Nenhum falso renascimento, como nos narrou o **Monsenhor Castro Neri** em conferência proferida no Grêmio Literário Pio XII, no ano de 1959. Segundo, o dito monsenhor, a avidez por descobertas de obras de arte de gregos e romanos, destroçadas pelas civilizações bárbaras, fez com que muitos artistas enterrassem e desenterrassem as suas para lhes conferir diploma de antiguidade.

Cláudio tornou-se arqueólogo. Em busca de fragmentos.

Um certo colega nosso, de nome **Antônio Carlos**

Corrêa (64/67), encantou-se com as peripécias do Giordano e escolheu como objeto de monografia de conclusão de curso de pós-graduação em Jornalismo Literário, algumas aventuras do arqueólogo do saber. Na referida monografia, chamou-me a atenção uma referência à tradução e edição de *Tirant Lo Blanc*. Atenção desatenta. Corri às livrarias em busca de alguma obra do aventureiro editor. Num sebo da Faculdade de Letras de UFMG, encontrei *Dissertação sobre o direito de caçar*. Li e fiquei à espera de me deparar com outras obras abandonadas em sebos.

No dia 28 de agosto, aportou em Belo Horizonte, o jornalista, Antônio Carlos. Na bagagem, um presente: *Tirant Lo Blanc* acompanhado de carta desafio escrita em papel chamuscado: “Queime este livro”. Era referência ao capítulo VI do *El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes Saavedra.

Aí, não teve outro jeito. Li as 856 páginas da primorosa tradução de Cláudio Giordano. Depois li as 58 - LVIII - da Introdução. Recomendo que o leitor faça o mesmo. Primeiro a obra, depois os comentários do tradutor e a conferência de Mario Vargas Llosa. Disse primorosa. Intimo todos os colegas a lerem o *Tirant* na tradução de Giordano. Vale mais do que a pena. A gente é transportado para um mundo tão atual que não sente viver em 1460. Mas antes ouça: “*Exuat te Dominus veterum hominem*”. O maior mérito da escolha de tradução foi não modernizar o texto.

O frescor da linguagem se mantém atual e sedutor exatamente porque o leitor deve se despir da velhice enxertada nas más escolhas de certos tradutores. Giordano é perfeitamente fiel ao espírito do autor, o Martorell. Foi a fidelidade que lhe garantiu o prêmio Jaboti de melhor tradução no ano de 1998.

Agora, se você pensa que vou comentar minha leitura, agora, deixe isso pra lá. Primeiro, leia. Dou-lhe dois meses e volto com comentário de leitura. Apenas adianto que embalado, retomei o *Quixote*, a *Demanda do Santo Graal*, *Parsifal*, *El Chantar de Mio Cid*, *O Príncipe*, e terminei em *Grande Sertão Veredas*. E, é claro, celebrei gostoso o centenário de morte de Karl May e ganhei, diretamente de Dresden Karl May: *Ein biografisches Portät* de Thomas Kramer, recentemente editada.



CLÁUDIO GIORDANO



ANTÔNIO CARLOS CORREA

(*) José Moreira de Souza, 72 (55/59) Sociólogo e Professor aposentado d UFMG, atualmente dedica-se às letras e ao folclore, além d emérito conhecedor da cachaça mineira. - josemoreira@superig.com.br

PARA NOSSAS REFLEXÕES

Obs.: Esta matéria é a tradução de um artigo publicado em uma revista francesa cujo nome passou despercebido, infelizmente. O seu título foi iniciativa do ECHUS DO IBATÉ.

Se a gente pudesse reduzir a população do mundo a uma pequena cidade de 100 habitantes, mantendo as proporções de todos os povos que existem sobre a Terra, essa cidadezinha seria assim composta:

- 57 asiáticos
- 21 europeus
- 14 americanos (do norte, do centro e do sul)
- 8 africanos.

Haveria:

- 52 mulheres e 48 homens
- 30 brancos e 70 não brancos
- 30 cristãos e 70 não cristãos
- 89 heterossexuais e 11 homossexuais

6 pessoas possuiriam 59% da riqueza total, e todos seriam originários dos EUA.

70 seriam analfabetos.

50 sofreriam de desnutrição.

1 estaria em vias de morrer.

1 estaria em vias de nascer.

1 possuiria um computador.

1 (sim, somente 1) teria um diploma universitário.

Se a gente vê o mundo dessa maneira, a necessidade de aceitar e de compreender se tornaria evidente. Mas, leve também em consideração o seguinte:

- se você acordou nesta manhã com boa saúde, você é mais feliz do que milhões de pessoas que não verão a próxima semana;
- se você nunca passou pelo perigo de uma batalha, pela agonia da tortura, por uma situação de fome, você é melhor do que 500 milhões de pessoas;
- se você pode ir a uma igreja sem medo de ser ameaçado, torturado ou morto, você tem mais sorte do que 3 bilhões de pessoas;
- se você tem comida na sua geladeira, roupas para o corpo, um teto sobre sua cabeça e um lugar para dormir, você é mais rico do que 75% dos habitantes da Terra;
- se ao mesmo tempo você tem dinheiro no banco, na sua carteira e moedas no seu porta-moedas, você faz parte dos 8% dos privilegiados deste mundo;
- se seus pais ainda estão vivos e ainda casados, você é uma pessoa realmente rara;
- se você tomou conhecimento desta mensagem, você acabou de receber uma bênção dupla, porque alguém pensou em você e porque você não faz parte dos 2 bilhões de pessoas que não sabem ler. E então?

ENTÃO:

TRABALHE como se você não tivesse necessidade.

AME como se alguém jamais fizesse você sofrer.

CANTE como se alguém não o escutasse.

VIVA como se o paraíso fosse na Terra.

O JANTAR DA PRIMEIRA SEXTA-FEIRA

"Faça uma lista de grandes amigos, quem você mais via há 50, 60 anos atrás...

Quantos você ainda vê todo dia? Quantos você já não encontra mais?"

Não perca seu tempo andando por aí, desorientado e sem saber o que fazer, ou ainda, hipnotizando-se com um computador ou um aparelho de TV, novelas, bbb's e tantos comerciais de carros, bebidas, bancos ou lojas de móveis. Bobaaagem! Mude já a sua vida para melhor e alinhe-se conosco! Principalmente se for uma primeira sexta-feira do mês. Oras bolas! Vá direto ao TERRAÇO PAULISTA; lá é o seu lugar. E estamos conversados! É o local e a hora (a partir das 19h30) onde se reúne, com muita alegria, todo o pessoal do Turma do Ibaté. Jamais que nessa vida você perderá uma chance dessas, meu amigo! Sai dessa! São pessoas de sua meninice, de sua juventude, todos já bem crescidinhos e, por isso mesmo, uma ótima oportunidade para você dar umas boas gargalhadas, sentir-se leve e solto, com a certeza de que não deve nada a ninguém e que já resolveu uma tonelada de problemas de sua existência, com grandeza. Para isso, não é necessário qualquer documento: basta dizer que também faz parte da Turma do Ibaté. Isto diz tudo. Leve amigos e familiares; eles também vão se divertir. E você se verá muito bem acolhido, baterá papo com um monte de pessoas inteligentes e gentis. Conhecerá, também, um mundaréu de gente que rapidamente serão seus grandes amigos. Esteja certo que sua roda de amigos leais vai crescer e você ficará muito orgulhoso de si mesmo. Sem contar que isso cura uma grande diversidade de moléstias, sim, moléstias; você deixará de ficar exposto a elas. Já pensou nisso? Vamos nessa; não desperdice suas energias. E fique atento ao que lhe dizemos, antes que seja tarde... tem muito mais graça a vida quando a gente tem com quem repartir, bem repartido, a graça que a vida tem.

Na próxima primeira sexta-feira compareça, também, reencontre seus grandes amigos...

Restaurante TERRAÇO PAULISTA - o ponto de encontro do Turma do Ibaté - Rua São Carlos do Pinhal, 200 São Paulo-SP, esquina com Alameda Joaquim Eugenio de Lima. A 200 metros da estação de metrô BRIGADEIRO - A partir das 19:30 horas



Criamos e desenvolvemos

- identidade visual
- projeto gráfico e diagramação de revistas, livros, folders e catálogos
- materiais promocionais para feiras, eventos e pontos-de-venda
- materiais publicitários como anúncios e malas diretas

Entre em contato!

www.estudiomutum.com.br
Av. Francisco Matarazzo,
229 - cj 45 - Água Branca
contato@estudiomutum.com.br

11 3852 5489

Obrigado, Letterio.



Paulo Francisco Toschi*

Li, com emoção, os seus comentários ao “Palavra de Seminarista”. Fiz um trabalho literário miúdo, no tamanho e na forma, procurando registrar os quase cinco anos que vivi no Ibaté. Não foi o primeiro que escrevi, mas o primeiro dado à luz. Um dos primeiros livros a usar a internet para sua divulgação, com som e com fotos, quando, ainda, não se falava no e-book. Distribuí exemplares encadernados com espiral a quantos pediram. Confesso que fiquei meio decepcionado.

Nosso Seminário existiu de 1949 a 1973. Eu escrevi sobre os cinco primeiros anos de sua existência. Falta registrar os outros 20 anos. Achei que meu trabalho iria provocar o entusiasmo de muitos escrevinhadores, trazendo ao conhecimento de todos a história completa de nossa vida de seminaristas. Afinal, cada um de nós esteve lá, no máximo, cinco, seis ou talvez sete anos. Mesmo quem viveu os mesmos cinco anos que eu tive a felicidade de desfrutar tem muito a contar que eu não contei. Eu era aluno do Admissão, em 1949.

Narrei a novidade de um colégio interno para um menino de 11 anos. Quem veio de Pirapora para o incipiente Ibaté pode nos revelar muita coisa. Pode comparar. Já era mais crescido e enxergava coisas que eu não consegui ver. Para mim, os Grandes eram monstros sagrados dos quais eu não podia nem chegar perto. Eles falavam com os padres. Eu sumia diante daqueles homens de batina negra. Só Monsenhor Luiz Gonzaga de Almeida, um verdadeiro vovô para os meninos do Admissão, nos dava a liberdade de uma aproximação sem receios. Jamais tive coragem ou oportunidade de conversar com o Padre Constantino, uma das figuras mais importantes da minha vida. Se ele não fosse um pai adotivo tão bravo, será que a imagem que faço dele seria totalmente diferente? No fundo, ele tinha bons propósitos, o que não tinha era bons modos.

Num dos nossos encontros, gravei uma longa conversa com o Corazza. Custou-me algumas garrafas de vinho italiano (bebi a metade), mas valeu a pena. Fiquei sabendo o porquê da mudança de Pirapora para São Roque. Conheci fatos que se deram sob os meus olhos e sob os meus ouvidos e que eu, menino de 1949, não tinha ainda capacidade para ver ou para ouvir.

Seria tão bom se os nossos colegas mais velhos trouxessem ao conhecimento de todos a sua visão do Seminário que ainda estava engatinhando. E os colegas vindos de Aparecida? Como era lá? O que foi para eles mudar para São Roque? O que significaram as duas casas em suas vidas? E os colegas dos anos 60 e dos anos 70? Como foi São Roque no declínio do modelo tridentino? E a Penha? E o Ipiranga? E Roma? O que é receber a batina? Emoção ou preocupação? Estudar Teologia e História da Igreja? Propicia meios para distinguir a Igreja dogmática da Igreja pragmática?

Quando eu estava escrevendo o “Palavra de Seminarista”, ouvi dizerem que um grupo estava pensando em organizar um álbum, onde comentários seriam acrescidos a muitas fotos dos vários tempos do Seminário. Que fim levou esse projeto? Porque não um livro de maior fôlego? Penso em uma coletânea com artigos de cinco a dez páginas cada um, de vários alunos, de várias épocas. Sugiro que, no próximo encontro, eu, você Letterio, muitos outros, desde já convocados, levemos idéias para esse empreendimento literário, a ser apresentado à Turma do Ibaté no Encontro de

2015. Será o 12º Encontro. Espero estar lá, mas não dou certeza. Muitos que podiam colaborar já se foram. Imagino uma coletânea com a participação de 10 a 20 ex-alunos, da década de 50, da década de 60 e da década de 70, incluindo ibateanos vindos de Pirapora, surgidos em São Roque, em Aparecida ou transferidos para a Penha, devendo alguns destes ter feito também Filosofia em Aparecida ou no Ipiranga. Dentre os do Ipiranga, alguém que tenha completado o curso e se ordenado. E, talvez, alguém que tenha ido a Roma. Que sejam textos mais profundos, não apenas memórias do cotidiano, que são importantes, mas, também, reflexões sobre a vida em um Seminário e sua influência nos que passaram por essas casas de formação. Comentários favoráveis e críticas, podendo ser ásperas também, incluindo lembranças agradáveis e frustrações. Um depoimento histórico que seja proveitoso a terceiros, do mundo católico ou não. Com a participação da turma que pensou no álbum, ou não.

Vivíamos em uma situação que não existe mais, com aspectos edificantes e gratificantes, mercedores de registro, e outros dignos de serem revelados, para que nunca mais se repitam. O que foi ser expulso do Seminário, por motivos banais, numa castração injusta e inesperada de uma vocação verdadeira? O que foi chegar à glória do sacerdócio, coroando um esforço de quatorze anos? Há pouca literatura sobre tais vivências. Conheço apenas dois trabalhos sérios, neste sentido. Um, distribuído pela viúva de um ex-seminarista, ex-padre, ex-professor, ex-reitor de seminário do nordeste brasileiro, com o qual fui agraciado em um dos nossos últimos encontros, e outro que encontrei na internet, produzido por ex-alunos de um seminário no Paraná.

Podemos e devemos acrescentar a história que vivemos. Interessa a nós mesmos, aos atuais seminaristas e integrantes do clero, à Igreja e ao mundo histórico e da cultura. Dois requisitos: que o autor de cada artigo tenha passado por São Roque, como aluno, e que o limite de sua exposição não vá além da eventual ordenação sacerdotal. Respeitado o enfoque principal, cada autor poderá divagar, a seu bel prazer. Se a idéia vingar, o passo seguinte será organizar a comissão editorial. Mencionei o entrosamento com aqueles que haviam imaginado elaborar um álbum histórico, mas, na verdade, são projetos independentes, que podem ser somados ou não. Esta minha proposta é para um livro escrito, em papel, na forma tradicional. Não estou sugerindo livro eletrônico nem, muito menos, um simples álbum, onde os textos curtos acabam ficando no rodapé ou à margem. Falo de um livro com texto substancial, editado e encadernado. Poderá, até, ser acompanhado de um CD com entrevistas e vídeos, mas não abro mão do livro bem escrito, como parte essencial do projeto.

Espero ansioso a repercussão desta minha ideia, principalmente quando os “literatos da pesada” estiverem presentes no Ibaté, degustando queijos, pingas, livros, poemas e saudades e prontos a nos brindarem com o seu brilhantismo e com o seu saber. Que tragam sugestões em seu embornal. Eu, que poeta não sou, mas sou menor no escrevinhar, já usei escolher o meu tema: “Porque eu saí do Seminário?” Seria uma espécie de “Palavra de Quem Arrepiou”.

Mais uma vez, muito obrigado, Letterio.

(*) Paulo Francisco Toschi, 75 (49/53) é bancário aposentado, advogado, sendo autor do Livro “Palavra de Seminarista” que está em seu blog www.paulo.toschi.blog.uol onde aguarda ansioso os comentários dos amigos paulo.francisco.toschi@gmail.com



À Ordem Premonstratense de Pirapora que, depois de 117 anos de serviço prestados ao Santuário de Pirapora e à Igreja, recebeu, como prêmio derradeiro, um solene ponta-pé no traseiro.

“Que é que fiz, Senhor? que torvo crime eu cometi jamais que assim me oprime teu gládio vingador?!”

Castro Alves (VOZES D'ÁFRICA)

Qual pelicano que, num gesto extremo, o próprio corpo sangra em alimento para nutrir, na fome, seu rebento, já que nada sobrou de todo o resto, eis-me, Senhor, escrava em manifesto contra a atroz opressão de alguém sedento...

Meus pupilos?...Deixei-os ao relento...
Hoje sou peça fora de contexto!...

Num passado de lágrimas perdida, vejo a vida de luta, encanecida, dos outros feita agora reles traste.

Meu tempo de trabalho foi zerado...
Se servir-te, Senhor, foi meu pecado,
Meus Deus, meu Deus, porque me abandonaste?



Seminário de Pirapora



Santuário de Pirapora

Obs.: A partir de janeiro de 2013 a Ordem Premonstratense não é mais responsável pelo Santuário de Pirapora e certamente será forçada a deixar o antigo Seminário, que tantos recursos financeiros e humanos lhe custou, além dos suores e lágrimas.

(*) Antonio Jurandyr Amadi, 77 (51/57) também ex-aluno do Seminário de Pirapora, turma de 1948, é engenheiro, pesquisador, escritor, poeta e tradutor de grego e latim.

FS
AMARAL
ADVOCACIA

© F.S. AMARAL - Advogados Associados

Escritório de Advocacia à sua inteira disposição direcionado a causas públicas, educacionais, trabalhistas, cíveis e comerciais, com especialização em cobrança, direito da família, imobiliário, condominial e contratual.

Constituído por 5 advogados, todos eles com, no mínimo, dez anos de experiência: Dr. Francisco Fierro-17.392 (colega ibateano, turma de 1949), Dr. Carlos Eduardo de Sampaio Amaral-16.210, Dr. Dídio Augusto Neto-55.438, Dr. Fabiano de Sampaio Amaral-135.008 e Dr. Beraldo de Toledo Arruda-174.267.

Avenida Brigadeiro Luiz Antônio, 350 – Conj. 13 - 01318-000 São Paulo - SP

Fone/Fax: (11) 3104-9308 / 3242-4903 / 3105-9896

contato@fsamaral.com.br - <http://fsamaral.com.br>

CORRESPONDÊNCIA RECEBIDA

De José Geraldo Licheri (51/52) - Lendo o ECHUS DO IBATÉ nº 123, na CASA DO PAI, sobre o falecimento do Cônego Noé, recordei-me da época do Seminário onde ele era sempre alegre, atencioso e sorridente. Quando estudava em São Roque fui informado que ano seguinte deveria ser transferido para o Seminário de Aparecida do Norte. Lá encontrei com Pe.Noé. Passados alguns meses, pedi para deixar o Seminário, pois, achava que não tinha vocação. Pe. Noé entendeu minha situação e sugeriu que como ele deveria vir a São Paulo, para uma reunião na Cúria Metropolitana, poderia conduzir-me até minha residência. Minha saudosa mãe o atendeu e ficou surpresa com minha decisão. Logo percebi a tristeza que lhe causei, pois, ela sempre falava que gostaria de ver um filho Padre. Cônego Noé, notando seu abatimento, passou algum tempo conversando, lhe dirigindo palavras de conforto e carinho e pediu para eu seguir minha vida e procurar sempre o ensinamento do catolicismo e seguir o caminho do bem. Por desleixo ou preguiça nunca mais o procurei. Sua última mensagem lida em seu velório: "Caminhei para a Vida Eterna; Combati o Bom Combate; Completei minha Carreira" representa sua importância para todos nos, seus alunos. Cônego Noé que Deus o tenha ao seu lado!!! São Paulo-SP 22.01.2013 - moreiralicheri@hotmail.com

De Claudio Coelho de Lima (67/70) - Prezado Mosca. que bela surpresa as felicitações, pelo meu aniversário, de toda a comunidade do Ibaté. Um grande abraço a você e a todos os ibateanos que procuram manter viva a lembrança de nossa juventude mais tenra. Um abraço especial ao Marcio Pereira (Paçoca) e ao Pe.Sabé. O que foi feito do prédio do Ibaté. Ainda a região é bonita? Niterói-RJ 05.02.2013 claudiolima@petrobras.com.br

De Sigmar Malvezzi (57/59) - Caro Wilson, estudei os e discursos de Bento XVI. O da renúncia, dia 11, o do dia 12 e o do dia 13. A cada dia cresce minha convicção que sua renúncia foi uma forma elegante de informar sua opinião sobre a incompetência dos bispos. Minha leitura é mais ou menos assim. É inútil o trabalho de um sumo pontífice se na ponta das trajetórias de ação, os responsáveis (os bispos) não trabalham em parceria com o pontífice, mas fazem o que acham (individualismo) e até escondem muito daquilo que fazem. O episódio da renúncia do cardeal escocês despontou como uma prova empírica dessa crítica. Bento XVI, renunciando, denunciou o abismo entre o magistério papal e os bispos. Aquele abraço. São Paulo-SP 06.03.2013 sigmar@usp.br

De Pe. Achilles Paceli Pinheiro (1956) - Caríssimo Wilson Mosca, agradeço-lhe muito as felicitações pelo meu aniversário, em nome da Turma do Ibaté. Parabéns pelo ótimo trabalho que vocês realizam na elaboração do Informativo, que nos põe em contato com as notícias mais recentes do pessoal e com as diferentes opiniões sobre os mais diversos assuntos. Um abraço fraterno e amigo à todos. Marília-SP 07.03.2013 sagradafamiliamarilia@yahoo.com.br

De Marcos Geraldo Guerra (55) - Agradeço a você e demais amigos do Ibaté, pelos votos formulados e rendo graças ao nosso Pai, Deus Onipotente, pela graça de ter vivido estes 74 anos ao lado de meus familiares e rodeado de leais amigos, como todos vocês. Belo Horizonte-MG 12.03.2013 mguerralvs@hotmail.com

PARÓQUIA DAS TROVAS

TEMA: SAUDADE

A SAUDADE é dor pungente
retrata-que beleza!
nesse termo só da gente
e da língua portuguesa!

Antonio Jurandy Amadi (51/57)

Saudade a dor mais pungente,
que tortura e que agonia;
e o coração se resente
dessa incrível tirania.

Joel Hirealdo Barbieri (51/58)

Envie-nos você também a sua trova.

Tema para o próximo ECHUS: PAPA FRANCISCO



Saudade do Seminário,
saudade da juventude,
pois, foi neste Santuário
que encontrei Ciência e Virtude

Alfredo Barbieri (49/53)

Saudade é palavra rica
uma ausência que dói
e uma presença que fica
fingindo que nada corrói.

**Paulo Oliveira Leite
Gonçalves (49/54)**

Hotantiqua

Esta foto, nem tão antiga, já foi postada em nosso ECHUS DO IBATÉ inúmeras vezes. Ela retrata cena do nosso IV Encontro no Seminário do Ibaté, realizado no dia 21 de agosto de 1999. Ela, como dissemos, já foi repetida várias vezes, pois, representa uma união fraterna de colegas e demonstra as grandes emoções vividas naquele dia e que certamente se reproduzirão neste nosso próximo Encontro, o XI, no dia 24 de agosto de 2013. Até lá!!!



CASO EDIFICANTE

ORAÇÃO DE PAPAGAIO



José Lui*

Uma senhora encontra o vigário.

- Estou desesperada, padre! Não sei o que fazer!
- Mas porque está assim tão aflita?
- Deram-me de presente um papagaio, mas que fala demais.
- Mas isso é muito bonito, eu também tenho um. E como diz coisas belíssimas.
- Mas é exatamente este o problema: todas as vezes que passo por ele me diz; “morra, velha feia”.
- Mas isso é tremendo.
- Estou desesperada, não sei como fazê-lo calar.
- Espere, vou emprestar o meu papagaio que é bom e educado. Verá que em uma semana mudará o modo de ser do seu papagaio.

Depois de uma semana a mulher volta desolada dizendo que o problema permanece sem solução.

- Mas como, respondeu o padre. O que diz o meu papagaio quando o seu diz “morra, velha feia”?
- ESCUTA-ME, OH! SENHOR...

(*)José Lui, 76 (49/56)- Filósofo, teólogo, exerceu o sacerdócio no período de 1963 a 1978. rubrolui@hotmail.com

Para-choque do Caminhão do Ubaté

Poucos conseguem fazer amigos só bebendo leite



ANOTE NA SUA AGENDA!

DIA 24 DE AGOSTO DE 2013 VEM AÍ !
O XI ENCONTRO NO SEMINÁRIO DE SÃO ROQUE !
PREPARE SEU CORAÇÃO QUE MUITAS EMOÇÕES IRÃO ACONTECER.

No longo caminhar dos nossos dez encontros -que começaram em 1993 - celebramos a AMIZADE, a VIDA, os VALORES HUMANOS, a GRATIDÃO, a ESPERANÇA, a ALEGRIA, a CONFIANÇA, a PAZ, a FAMÍLIA e, por último, a UNIÃO.

No próximo encontro iremos celebrar a SAUDADE, pois o tempo passou mas deixou marca indelével. SAUDADE só se tem daquilo que foi bom.

Anote e reserve desde já na sua agenda: 11° ENCONTRO DOS EX-ALUNOS DO SEMINÁRIO DO IBATÉ no dia 24 de agosto próximo. Não se esqueça.

Prepare-se desde já. Um turbilhão de emoções o aguarda. Conscientize-se de que sem sua presença, o encontro não tem qualquer sentido!

Sua participação (bem como a de seus familiares) é fundamental para que este XI ENCONTRO se transforme em poesia, em um evento realmente significativo, capaz de nos trazer de volta pessoas e lugares que, de forma indelével, marcaram nossa vida. Todo esse mundo não existe sem você, tenha certeza disso, pois é a sua presença que faz o encontro.

Temos certeza de que vai sair bem enriquecido com esta experiência, pois nunca devemos nos desligar de nossas raízes. Um encontro desses é um verdadeiro banho de juventude e contentamento, boas horas passadas num ambiente de pura amizade: seu coração vai se alegrar!!!

E A SAUDADE NOS TRAZ DE VOLTA AO TEU CORAÇÃO DE MÃE PARA DIZER: VALEU!

O objetivo da nossa parceria é viabilizar o atendimento aos nossos clientes, solucionar dúvidas em relação ao destino que o cliente deseja conhecer, fazer a reserva do hotel, passagem aérea e carro, indicar o melhor pacote de viagem disponível para determinado destino naquele período.

Atendimento personalizado aos nossos clientes oferecendo assim as melhores opções de roteiros para a sua viagem Nacional, Internacional, Rodoviário ou Cruzeiro Marítimo.

Comprando na Polinésia Turismo você terá acesso a Serviços diferenciados, Promoções e Descontos especiais.

Desconto de 6% (seis) nos preços de pacotes aéreos nacionais e internacionais (fretamento).

Desconto de 5% (cinco) nas diárias de Hotéis nacionais e internacionais.

Desconto de 4% (quatro) nas tarifas de Cruzeiros Marítimos.



Polinésia Turismo

www.polinesturismo.com.br

(11) 3104-1818

Não gosta de comprar um pacote de viagem?

FLUXO FINANCEIRO - Posição até 19.03.2013	
POSIÇÃO EM 20.01.2013	19.865,41
ENTRADAS	
Contribuições e doações	6.787,62
Juros	192,46
TOTAL ENTRADAS	6.980,08
SAÍDAS	
Postagem Echus 124	1.034,65
Impressão Echus 124	1.050,00
Kalunga nf 11096-envelopes	105,20
Fabio Luchesi nf 6752-Crachás XI Encontro	899,50
Antecipação p/Seminário-XI Encontro	300,00
Despesas Bancárias	26,80
TOTAL SAÍDAS	3.416,15
SALDO ATUAL 19.03.2013	23.429,34
Tesoureiros: Carlos Domingues Cosso - Wilson Mosca	

AGRADECIMENTOS

A Turma do Ibaté agradece as contribuições recebidas no período de 22.11.2012 a 28.01.2013, dos seguintes colegas: Achiles Paceli Pinheiro, Alberto Pimenta Junior, Alfredo Barbieri, Antonio da Aparecida Simões Cúcio, Antonio da Silva Machado, Antonio José de Almeida, Antonio Martini, Antonio Orzari, Celso Bissoli, Celso Guidugli, Francisco Fierro, Holien Gonçalves Bezerra, João Bosco Amstalden, Joaquim Benedicto de Oliveira, José Écio Pereira da Costa Junior, José Fernandes da Silva, José Gervásio da Cunha, José Lui, Laerte Zacarias, Luiz Alberto Corrêa Da Silva, Luiz Gonzaga Cruz, Luiz João Corrar, Luiz Roberto Soares, Paulo Oliveira Leite Gonçalves, Paulo Sebastião Ribeiro, Roberto Lui, Rocco Antonio Evangelista, Rovirso Aparecido Boldo, Sérgio Alexandre Fioravanti, Sérgio Santana, Vicente de Paulo Moraes, Walter Barelli e Wilson Mosca. Informamos que existem vários depósitos em nossa C/C que não foram identificados, deixando, pois, de serem relacionados na lista acima. Sempre que for feito algum depósito, enviem-nos esta informação pelo email ou por correspondência (vide item CONTRIBUIÇÕES no EXPEDIENTE).

EXPEDIENTE

Echus do Ibaté é publicação dos ex-alunos do antigo Seminário Médio/Menor Metropolitano Imaculado Coração de Maria, o Seminário do Ibaté-São Roque-SP- Brasil, com distribuição gratuita aos amigos que formam a Turma do Ibaté.

Colaboradores deste número: Alfredo Barbieri, Antonio Jurandy Amadi, Augusto José Chiavegato, Joel Hirenaldo Barbieri, José Lui, José Moreira de Souza, Paulo Francisco Toschi, Paulo Oliveira Leite Gonçalves e Walter Barelli.

Contribuições: O Informativo mantém-se das contribuições voluntárias dos membros de seu grupo. Podem ser feitas em nome do colega Carlos Domingues Cosso (Cpf 024.626.218-49) por meio da conta bancária no BRADESCO, Ag. 3191 (Largo Arouche), C/C 14399-5. Tão logo seja realizado algum depósito, envie-nos, por favor, um e-mail ou uma correspondência para que possamos identificá-lo, a menos que queira fazê-lo anonimamente.

Equipe Responsável: Wilson Mosca, Carlos Domingues Cosso, Attilio Brunacci, Paulo Francisco Toschi e José Justo da Silva.

Artigos, colaborações, contatos e correspondências: enviar para ECHUS DO IBATÉ, Caixa Postal 71.509, Cep 05020-970, S.Paulo-SP.

Responsabilidade: As opiniões expressas nos artigos assinados e nas entrevistas representam o ponto de vista de seus autores e não necessariamente o da equipe responsável.

Internet:

E-mail: echus@zipmail.com.br

Blog do Ibaté: www.imate-sp.blogspot.com

E-mail do Blog do Ibaté: imate.sp@gmail.com

"Palavra de Seminarista" (livro): www.paulo.toschi.blog.uol.com.br

Fotoblog (fotos do Ibaté): www.paulo.toschi.fotoblog.uol.com.br

Twitter Amigos do Ibaté: <http://twitter.com/echusdoibate>

Comunidade no ORKUT: EX-ALUNOS SEMINÁRIO DO IBATÉ (www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?Cmm=723696)

Comunidade IBATEANOS no Facebook

Echus do Ibaté nas nuvens: links <http://177.103.223.197/downloads/Echus/> ou <http://189.19.55.31/downloads/Echus/>

Tiragem: 900 exemplares.

Diagramação/Impressão: Conexão Propaganda



conexão
propaganda